

NOTAS SOBRE A PALAVRA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

ADMA SOARES BEZERRA

Mestra em Educação Contemporânea UFPE-CAA. Professora substituta do Núcleo de Formação Docente na Licenciatura em Pedagogia UFPE-CAA, admasoares@hotmail.com.

RESUMO

Fazer o resumo de um texto é, decerto, apresentá-lo. Talvez seja possível afirmarmos que se trata de também fazê-lo presente, ou seja, trazer ao presente os movimentos de uma escrita que foi mas não é mais, e de uma leitura que ainda não é embora esteja sendo - em gerúndio desde aqui. Apresentar este texto, podemos dizer ainda, anseia fazê-lo presença: não qualquer presença, senão todas as que aqui quiserem estar, se ver ou se reconhecer, ainda que de forma evanescente, tal como acontece quando refletimos as nossas imagens em um espelho de água. Tratamos neste, de dar a ler as palavras de uma criança sobre suas percepções acerca da pandemia do Coronavírus, ao mesmo tempo que convidamos todos os possíveis leitores e leitoras a conversarem conosco partindo desta “conversa menor”, que confiou-nos suas palavras pensando e dando-nos a pensar. Ademais, trata-se mesmo de uma escrita ensaística em notas breves sobre a palavra, infância e educação em tempos de pandemia, esse nosso tempo em travessia, que como vós, leitores, poderão constatar a seguir, optamos por trazê-la através de uma “escrita conversação”, não necessariamente nesta ordem.

Palavras-chave: Palavra; Infância; Educação; Pandemia.

INTRODUÇÃO

- Mamãe, é muito difícil compreender o que está acontecendo...
- O que está acontecendo com quem ou com o quê?
- Com o mundo, com o Brasil, com a cidade, com os hospitais, com as escolas e com as pessoas. Eu não entendo por que as pessoas continuam morrendo de uma doença que já tem vacina, mas a distribuição é tão lenta que entre uma dose e outra a doença vence. Eu não entendo por que o médico achou que eu estou com COVID, passou remédios e me deu uma licença de 10 dias mas para fazer o teste tivemos que agendar e esperar até a outra semana. Eu não entendo por que lá na escola as aulas presenciais voltaram e não pararam mesmo os alunos testando positivo para o vírus, as aulas são mais importantes do que a saúde? Eu não entendo por que em alguns momentos todo mundo finge que nada disso está realmente acontecendo. (Ágata, 10 anos, expondo em uma conversa informal suas percepções sobre a pandemia advinda do Coronavírus – que já ceifou mais de 400 mil vidas no Brasil – em 02/05/2021).

Carlos Drummond de Andrade (2001) diz-nos que as essenciais verdades habitam-nos enquanto desconhecidos, e a cada manhã nos dão um soco. Discorreremos neste ensaio novas possibilidades, talvez um pouco existencial (sem sermos necessariamente existencialistas) ou quem sabe mais estética (sem declararmo-nos esteticistas) acerca de três palavras escritas por Drummond, e que aparentam ser velhas conhecidas da conversa – cujo trecho dispomos acima – que a Ágata teve com a sua mãe: “verdades, desconhecidos, soco’. Um movimento de quebrar as palavras e juntar o que está separado na gramática oficial da nossa língua materna, para então conversarmos – não seria esta forma escrita, uma conversa com quem poderá vir a ler-nos? – em um mesmo idioma de deslocamento, que busca o caminho dos sentidos da poética implicada pela infância que aventura-se sensivelmente a revelar-nos ângulos e faces dos atravessamentos que sutilmente perpassam o que chamamos de tempos da escola. Não nos interessa apresentarmos aqui, definições últimas das palavras, senão uma breve tentativa de pensá-las em suas sonoridades e ressonâncias, tornando-as cada vez mais alongadas e menos precisas. Aventurar-nos-emos em um desvanecimento progressivo do possível significado uno/ estático, deixando-as livres em seus pontos de partidas e distantes de qualquer porto ou ancoragem em um cruzamento

previamente delineado pelo encontro – ou choque – entre a nossa humanidade, educação, filosofia e literatura poética.

Se como nos diz Nietzsche (2013), as palavras dependem da boca que as pronunciam, precisamos concordar que outras, recebem uma enunciação unânime e demasiadamente enfática. Palavras que se auto proclamam sem um corpo que as anunciem, já ausentes no momento do seu anúncio.

Estamos trespassados de palavras inúteis, de uma quantidade demente de falas e imagens (...) de modo que o problema não é mais fazer com que as pessoas se expressem, mas arranjar-lhes vacúolos de solidão a partir dos quais elas teriam, enfim, algo a dizer. As forças repressivas não impedem as pessoas de se exprimir, ao contrário, elas as forçam a se exprimir. Suavidade de não ter nada a dizer, direito de não ter nada a dizer: pois é a condição para que se forme algo raro ou rarefeito, que merecesse um pouco ser dito. Do que se morre atualmente não é de interferências, mas de proposições que não tem o menor interesse (DELEUZE, 1992, p. 161/162).

Assim, buscamos aqui experimentar lentamente uma escrita – ou conversa – rizomática contrária à fixação de signos dados como emblemas inescapáveis da verdade. O que aqui chamamos de verdade, protagoniza incessante dança na busca temporária por seu sentido. Jamais permanece imóvel à espreita de retóricas definitivas. Não almejamos integrar a extrema união das palavras, mas vislumbrar os gestos que as sustentam e acompanham. As tonalidades com que são ditas, as vibrações ou cinzas que originam a vida, acolhendo-a e lhe dando lugar. Sim, escrever tem algo com o “estar lado a lado do seguir vivendo”. Tem muito mais a ver com carinho, choque, perplexidade e espanto, do que com a obsessão do gramático apenas preocupado com formas de correção. Não supor meramente uma relação estrita de mero afeto ou musicalidade com as palavras, mas com a sutileza de tocá-las e deixar tocar-se por elas.

ESSENCIAIS VERDADES (NÃO NECESSARIAMENTE NESTA ORDEM)

Neste texto em que estamos conversando e lendo (e escrevendo – quando estamos lendo – nós que lemos? Quando estamos escrevendo – nós que escrevemos? E quando uma coisa se transforma na outra?)

atentamos para as palavras que estamos utilizando, as que nos estão disponíveis. É bem verdade que elas são o modo como “o que dizemos” adquirem corpo, roupagem, expressão concreta”. Isto não sinonimiza que as palavras são apenas discursos ou elaborações da linguagem. É complexo o trabalho da linguagem e se os discursos nos parecem prontos, são as palavras as responsáveis pelas camadas expressas. Encontrar a palavra que expresse algo não é apenas a imposição de um novo véu, é muito mais a posição do véu que pode ser percebido, ou tornar perceptível o que vemos.

As palavras são ainda, meios que enquanto tais, conseguem justificar ou legitimar fins. Sem elas não há a política, “a ação para o bem de todos que não deve ser deixada na mãos de profissionais, pois define a própria condição humana e a liberdade de cada indivíduo. Seus usos constituem jargões, jogos, mundos” (TIBURI, 2016, p. 159). Se pensarmos na palavra “escrita” e na palavra “política”, certamente é inevitável concordar que ambas são tomadas em multiplicidades de sentidos e a conjunção das

duas está submetida a lei dessa multiplicação. Entretanto, aqui, não se pretende inferir da polissemia da escrita e da dispersão do político que a conjunção das duas seja indeterminada. O conceito de escrita é político por tratar-se de um ato sujeito à aberturas e disjunções essenciais. Não nos parece possível escrever sem refletir, concomitantemente, o que se supõe realizar: uma relação da mão que traça linhas e signos com os corpos que a ramificam. Na atenção veemente que as sociedades escolarizadas dão ao aprendizado da escrita e à posição correta da criança e do jovem, mais ainda que à perfeição daquilo que ele escreve, sobressai-se um aspecto fundamental: antes de ser o exercício de uma competência, o ato de escrever é – ou poderia ser – uma maneira de ocupar outras dimensões

Quando palavras e frases são postas em disponibilidade, à disposição. (...) É preciso reconhecer uma oposição mais essencial entre dois modos de circulação dos enunciados: um enunciado acompanhado e um livre. O enunciado acompanhado – socorrido, explicado, conduzido do ponto de partida ao ponto de destino pelo dono – é, como se sabe, a matriz de qualquer pedagogia (RANCIÉRE, 2017, p. 09).

Para o autor (2017), seria este enunciado acompanhado, o fio condutor da doença que, interminavelmente, acomete as palavras e escrita. Ao que Rancière (2017) considera e anuncia enquanto um mal - que é sempre

o mesmo - também se propaga o mesmo remédio: palavras e escritas submetidas a correções insaciáveis, em constante fuga de qualquer exposição a desvios, um trajeto único não passível de homônimos/simulacros. Mas não nos interessa tanto – ao menos não momentaneamente e não neste respectivo texto – esta escrita acomodada e acometida por mesmidades. Desloca-nos muito mais, a possibilidade de uma escritura exposta ao céu aberto, legível sob o sol ou sob chuva, lua ou sol por optar olhar o tempo desnudo. Uma escrita que resista às intempéries de um único instante, que se faça uma leitura iletrada em fendas de pólen dos Deuses. Palavras lançadas a todos e a ninguém por interromper esqueletos verbais. Palavras infiltradas em cortes de chamas que se inflamam em incêndios, tal como um bosque que arde e que ao arder, se regenera. Uma recusa ao indelével por ser traçado na própria textura das coisas, desenhando o corpo mudo/falante da própria verdade.

Essa busca é em síntese, alegorizado no episódio que segue, no Fedro, à história do inventor Theuth e do Rei Thamous. Em resposta à Fedro que sempre questionava suas histórias egípcias, Sócrates argumentou.

Nossos ancestrais, diz ele, ouviam os oráculos dos deuses que se exprimiam através do ruído do vento nos carvalhos de Dodoba e não se preocupavam com a origem da mensagem, contanto que ela fosse verdadeira. Não devemos perguntar como se reconhece com certeza a verdade do vento dos carvalhos. Devermos, antes, reconhecer neste caso a extrema coerência de uma certa ideia de verdade: um puro trajeto do fôlego que não para nas palavras mudas/falantes (RANCIÉRE, 2017, p. 111).

Uma verdade que assim se firma por não ser impositiva, mas comunicada como o sopro imediato do verdadeiro. Um ritmo que torna os movimentos livres das nuvens equivalentes à crença comum. Verdades livres para conversar com e com o quê ainda não constituiu conversas senão sensações. Verdades como uma forma de não saber, não compreender, como a verdade que habita o inquieto poeta que permite-se deixar-se horas à fio sob uma folha em branco, a imaginar um poema que abraça o instante com a sutil euforia que antecede os grandes acontecimentos, que acalma o ritmo avassalador da tecnologia e detém o estalar mortífero e ensurdecido das metralhadoras. Uma verdade-verbo-poética, acessível, primeiramente, aos sentidos, composta “*da substância transparente de nossos momentos*” (PROUST, 1971, p. 309).

A conversa da Ágata com seus 10 anos de idade com a sua mãe, nos oferece um tráfego de verdades, uma alquimia de palavras e sensações que se movimentam com o abrasar das horas fazendo-se vida. Ela é criança e isto implica dizer que não gosta de ir sozinha até a lavanderia – que fica em um outro andar – do apartamento que reside já há alguns anos, optando sempre por manter todas as luzes bem acesas, apesar de irritar-se profundamente com qualquer – por menor que seja – corrente elétrica. Prefere não apresentar uma resposta última sempre que é questionada entre a natação ou as aulas de piano, para compor as atividades recreativas das próximas férias: já cogitou fazer as duas e substituí-las por aulas de dança contemporânea.

Ainda não decidiu o que pensar sobre as frações que está aprendendo na escola, quer dizer, ela afirma que são difíceis, mas diz também não fazer ideia de como utilizá-las de forma prática em atividades do dia a dia. Sim, só uma criança, não se diz sábia

sobre para onde especificamente vai o sol ao se pôr, ou onde repousa quando resolve não aparecer. Tampouco, sobre a composição das sombras ou os bordados das penas de um pavão. Entretanto, sorri familiarizada ao ouvir o canto dos pássaros e já delineou várias hipóteses sobre o idioma dos mosquitos e a linguagem madruganta das rãs. Afirma que as florestas são lugares mágicos, pois viu há algum tempo em um filme cujo título não consegue recordar, que nelas nascem os cumes dos sonhos e, desde então, busca na internet expedições acessíveis para alguma floresta próxima, para lá, de pé em alguma elevação do solo, confidenciar especificamente neste “local dos sonhos”, o seu desejo de se tornar uma dançarina de um grupo coreano que, no entanto, também aceite brasileiras. Insistimos na afirmação, a Ágata tem 10 anos e é uma criança, não deveria preocupar-se intensamente em compreender o Brasil, ou mais especificamente, o Brasil frente à pandemia do Coronavírus.

Poderia ler ou reler as suas coleções de livros, desenhar mais imagens inspiradas no surrealismo – sua mais recente paixão – ou assistir a séries históricas que tenham como protagonistas crianças com idades próximas à sua idade. Mas a Ágata não encontra respostas às repentinas mortes dos vizinhos e conhecidos, nos livros que descansam na estante de parede alocada acima da sua cama. Não descobriu em nenhuma expressão surrealista o pavor dos que não conseguem respirar por falta de oxigênio, leito, ou porque foram noticiados sobre a partida de um ente amado. Não se depara nas séries de sua faixa etária disponíveis nas plataformas de *streamings* – embora saiba da existência de outras para maiores de 18

anos que versam sobre apocalipses zumbis ou invasões extraterrestres – o caos e a dor instaurados nas ruas e hospitais, o medo e a incerteza do amanhã, o desemprego latente, a fome devorando os lares e enfraquecendo os animais de rua da sua própria cidade. Os seus 10 anos aceitam as aulas escolares em formato remoto bem mais docilmente do que os seus 09 anos aceitaram, porque ao longo de 18 meses habilidades foram desenvolvidas, como a de assistir aulas online, brincar e conversar com as amigas, tudo ao mesmo tempo.

“Resistencia da infância” ela ouviu a sua mãe mencionar, ao narrar em uma aula também em formato remoto para discentes do ensino superior, as linhas de fugas que as crianças utilizam para burlar regras escolares. O exemplo dado na aula para os adultos foi imediatamente (re)contextualizado e passou a ser utilizado incansavelmente mediante qualquer tela minimizada durante as suas aulas híbridas: _Resistência da infância, mamãe! Justifica. Decerto resistindo, a Ágata compreende que o tempo é seu amigo e brinca junto a ele. Sim, resistência, porque o tempo sempre esteve no centro de lógicas estruturantes reproduzidas cotidianamente. O tempo penetra nas inúmeras atividades de rotina, nos agrupamentos dos alunos, na organização dos conteúdos e nas suas transmissões, nas avaliações e aprendizagens

Até no julgamento que fazemos dos bons ou maus alunos. Bom aluno será aquele acelerado, que aprende os conteúdos preestabelecidos nos tempos preestabelecidos. Mau aluno será o lento, não tanto aquele que não aprende os conteúdos, mas aquele que não os aprende em ritmos pre-determinados. Na base da classificação e julgamento dos alunos poderemos encontrar um parâmetro: as relações dos tempos dos educandos com os tempos predefinidos pela escola (ARROYO, 2014, p. 204).

A infância resiste junto ao tempo por ser ela mesma o seu início e novidade. Se os separarmos – o tempo e a infância – o tempo torna-se uma constante e árdua articulação. Impossível não prestarmos atenção na nossa dificuldade de, sobretudo, em tempos de pandemia, articularmos os tempos de viver, sobreviver e trabalhar. Correr contra o tempo, precisar escolher entre tempos tão vitais. O trabalho com seus tempos predefinidos em cada turno fundiu-se com o tempo da sobrevivência - tão imprevisível. Duas lógicas temporais tão difíceis de aproximar. A lógica temporal do trabalho que adentrou os lares não é fácil de articular com os tempos da família, do preparo às refeições e dos cuidados à

casa, filhos, plantas e pets. A organização desses tempos durante as aulas remotas recorreu a uma outra tentativa de organização guiada: a lógica dos tempos de vida dos educandos entremeio ao tempo escolar.

Brincar com o tempo, reiniciá-lo criancieiramente por fissuras que doam outro tempo ao tempo da escola. Ocupar as horas de aulas remotas com a audição voltada às explicações docentes, ao mesmo tempo que outras explicações – perguntas? – ou afirmações são digitadas em uma tela paralela, dessa vez entre amigos. Uma profanação ao regrado tempo escolar. Quantas linhas de fugas - oriundas da resistência tipicamente infantil que perfura as redomas escolares com todos os seus conjuntos de regras comportamentais voltados à disciplina – ilustraram e ilustram os bastidores das aulas remotas e presenciais? Carlos Skliar (2019) nos diz

Entre a ida à escola e a saída da escola, alguma coisa ocorre e já não é no terreno ficcional: é a devastadora sensação de que vamos a um tempo livre, mas que voltamos do trabalho; a dura percepção de que vamos como crianças e nos devolvem adultos (p. 21).

Então talvez, seja somente uma questão de voltar-se atentamente ao que a infância tem a nos dizer, encontrar-se com ela, vê-la como essa presença enigmática que sempre nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos – inquietando a soberba do nosso anseio de saber -, na medida que põe em suspensão o que podemos – e a soberba da nossa vontade de poder -, e na medida que coloca em questão os lugares e verdades que construímos para ela. Instaura-se aí a vertigem das verdades que a infância nos apresenta: esse deslocamento que nos leva a uma região distante das medidas dos nossos saberes e poder. Cada encontro que se estabelece na vacuidade da presunção de abarcar o tempo inaugurado pela infância, resulta em uma dobra da vida. Presenças que abismam, comovem e modificam as convencionais certezas de que cada um de nós é capaz de carregar consigo.

SERES POR(VIR): DESCONHECIDOS

Em nossas vidas escolares e fora dela – aqui, alí e de certa forma em todos os lugares – compactuamos uma forte tendência de fazer uso do dicionário físico ou virtual. Uma forte tradição historicamente construída, que sutilmente expande-se até a esfera de submissão, ao que nos dizem, os glossários com todas as suas infinitas significações. Na nossa vida

escolar como seres da infância, juventude, da docência, acadêmicos – e não só –, encontramos no dicionário um constante aliado para desvendar e fixar de vez as incertezas da língua. Talvez seja por este o motivo que, mergulhar no significado das palavras, é às vezes, uma escolha incomum, solitária, ou, ousada.

É certo que com o dicionário podemos iniciar pesquisas, transitar em trilhas lexicais ignoradas, caminhar entre derivações e nos sentirmos indignados por todo o abismo de sentidos que separa nossas experiências e a dos dicionários. Admitir surpresos, o poder das palavras em dizer coisas que não dizemos ou não poderemos dizer, para só então em algum segundo impreciso, sentir que por mais múltiplas que sejam as palavras e a língua, ao final, é possível captura-las e dominá-las de alguma maneira. Certamente também, toda essa previsibilidade que nos inspiram os dicionários, não passam de sensações provisórias, por sabermos que nenhum conhecimento pode ser tão direto, nenhuma palavra com o seu respectivo sentido ou significado, pode ser tão literalmente definida.

Así, lá ficción del diccionario se resquebraja, por ejemplo, ante cada poema, em cada obra de teatro, ante cualquier novela, cualquier pausa, cualquier cuento, cualquier silencio, cualquier relato, cualquier dubitación, cualquier inestabilidad de las palabras. La ilusión del diccionario se retorce entre la palabra que se disse y la palabra que se escucha, entre la palabra que es y la palabra que no es. La ilusión del diccionario muere, justamente, allí donde nace el torbellino y la humareda de la lengua (SKLIAR, 2011, p. 97).

Porque não há nenhum dicionário que consiga ser o que foram, são, ou serão as palavras, porque no dicionário repousa apenas a inércia das palavras, suas verdades estáticas e assustadoras. A ficção do que significa dizer uma palavra. Os dicionários mostram-se como cemitérios de palavras, e as palavras são meramente sombra de palavras. E apenas quando o dicionário é deixado de lado, inicia-se a rebelião das palavras, seus saltos e danças. Logo, não se faz necessário buscar nos dicionários o que não se buscou na vida, não se encontra no dicionário o que não foi encontrado na vida. A palavra sobrevive e antecede o dicionário. Vive outra vida distinta do eco – que apenas replica timidamente – o percurso de uma palavra: porque sim, há palavras que engasgam, palavras que jamais encontramos quando queremos ou imaginamos necessitar usá-las, palavras que só servem para completar lacunas, palavras que esfriam a espinha, que ardem

em brasas, ou que são apenas um amontoado de cinzas. Palavras que pronunciam nenhuma ou pouquíssimas palavras, palavras que são um soco.

Ignorar algo, dar de ombros, ser indiferente, alheio. Poucas palavras e um gesto, podemos dizer. O quê uma ou duas palavras associadas ao movimento de voltar as costas, têm a ver com o próprio deserto? Quais as definições atribuídas a palavra “deserto”? Não, não nos deteremos aqui em delimitações de zonas áridas com vegetação rara ou inexistente, buscamos em Blanchot (2018) uma outra explicação:

O deserto ainda não é nem o tempo, nem o espaço (...) Tempo de uma promessa que só é real no vazio do céu e na esterilidade de uma terra nua onde o homem nunca está, mas está sempre fora. O deserto é o fora onde não se pode permanecer, já que estar nele é sempre já estar fora (...) e a fala também é desértica, é a voz que precisa do deserto para gritar e que desperta sempre em nós o medo e a lembrança do deserto (págs. 114-115).

O diálogo da Ágata trazida no início deste escrito aponta-nos o deserto e este efêmero gesto atinge-nos como um soco. Ela alega não compreender por que em alguns momentos a indiferença impera frente ao caos, insistindo em nos posicionar do lado de fora de algo em que estamos submersos. “Todo mundo finge que nada disso está realmente acontecendo”, ela afirma. A infância é mesmo essa recusa teimosa de habitar o deserto. As infâncias, esses desconhecidos cuja duração é sempre cambiante e enigmática - esse tempo em combustão, regido por ritmo sanguíneo e respiratório, por uma velocidade devir que aponta-nos e questiona, alega, apoia-se na intensidade da dicção – e não só – sempre a buscar rupturas. Que devora a inércia e precipita-se na urgência sensível. Essa fala dita mas nem sempre ouvida, repetida num eco prévio, rumor de vento e impaciente murmúrio.

O que pode nos dizer uma criança sobre uma pandemia mundial, sobre o negacionismo explícito de parte significativa da população e do governo de um país? No mundo a linguagem é poder por excelência. Aquele que fala detém o poder, mas não qualquer um ou qualquer uma e não qualquer poder. Nomeamos àqueles e àquelas que detém poderes e ao assim fazermos, afastamos o que é nomeado sob a forma cômoda de um nome. Nomear é o que estorva os outros seres vivos e deuses que dizem ser mudos. Talvez nomeamos apenas seres capazes de não ser, e de utilizarem esse nada como um poder, e desse poder, dominação e força. É dessa forma que a dialética joga conosco, adultos. O adulto adquiriu

direito à fala. O adulto fala, uma fala que é comando. A infância ouve. E aquele que só pode ouvir depende da fala sempre ocupando o segundo lugar, “mas a escuta, o lado desfavorecido, subordinado e secundário, revela-se finalmente como o lugar do poder e o princípio da verdadeira autoridade” (BLANCHOT, 2018, p. 45). Quando o adulto fala sua fala é soberana e somos levados a desconhecer a exigência que nela reside: dialogar com outras falas e também fazer-se escuta. A infância é uma dessas outras falas capazes de inaugurar o ineditismo da palavra, detê-lo o fazendo seguir seu curso sem condições preestabelecidas. Esses desconhecidos seres porvir, figuras da descontinuidade do tempo e do aberto.

Com a palavra porvir nomearei nossa relação com aquilo que não se pode antecipar, nem projetar, nem prever, nem predizer, nem prescrever; com aquilo com o qual não se pode ter expectativas; com aquilo que não se fabrica, mas que nasce – se entendemos com María Zambrano, que o que nasce é o que vai do impossível ao verdadeiro, ou se entendemos com Hannah Arendt, que o nascimento tem a forma do milagre – com aquilo que escapa à medida do nosso saber, de nosso poder e de nossa vontade (LARROSA, 2011, p. 286).

Para além de ensinamentos concernentes à períodos pandêmicos ou pós-pandêmicos, as crianças convidam-nos a conversar com “o acontecimento” – a categoria mais justa do porvir. Que possamos aceitar ao convite – estaremos nós adultos à altura? – junto as vozes da palavra revolucionária: a infância mesmo, essa possibilidade que se abre, talvez, no coração do impossível sendo (assim em gerúndio) ponte ao porvir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: REINÍCIOS

Este texto – permitam-nos dizer – tecido mais do que necessariamente construído, chegou-nos em um momento de extrema impossibilidade. O que não nos parece excepcional já que não se refere do possível ao real, senão do impossível ao verdadeiro desconhecido que nos habita. À medida que caminhamos para a finalização, estremece-nos o tremor do nascimento, como se só agora o estivéssemos iniciando. Ousamos dizer que se tratou muito mais de uma condescendência escrita junto e com a infância, do que uma teorização tautológica ainda que sim, tenha dialogado com a teoria buscando lançar olhares e reflexões às construções aqui propostas. Deixamos – por assim acreditarmos e querermos

– o devido espaço para ambiguidades e possíveis interpretações, porque sim, são nas linhas e entrelinhas que vós, possíveis leitores, podem lançar os seus próprios olhares, compreensões e diálogos outros ao que aqui, podemos inferir, apenas anunciamos os preâmbulos.

Se a condução até aquilo que sabemos impossível pode ser considerado ousadia, a percebemos ao longo destas linhas. Uma escrita ensaística que avançou apenas e mediante a sua própria impossibilidade de fazê-la, ao se colocar em conversa com a infância e a vida. A vida que antecede a palavra e a infância que a reinicia a cada sorriso, gestos e conversas. Estamos diante então, de mais um exercício de certa forma impossível: encerrar temporariamente esta conversa. Ora, a conversa segue à deriva da própria vida perdurando-se no arder de toda existência, se entrelaça nela, esgueira-se pelo acaso, transforma-se em poças d'água entre os pés e mãos da infância, soltando gritinhos de satisfação - à cada pirueta respingada – junto à ela, rodopia com os tornados das horas desaguando na música dos dias. Brinca junto aos mares das histórias, das confissões e da invenção fazendo-se poesia.

No fundo do mar há brancos pavores, onde as plantas são animais e os animais são flores. Mundo que não atinge a agitação das ondas. Abrem-se rindo conchas redondas, baloiça o cavalo-marinho. Um polvo avança no desalinho dos seus mil braços. Uma flor dança, sem ruídos vibram os espaços. Sobre a areia o tempo poisa, leve como um lenço (...) (ANDRESEN, 2018, p. 53).

Conversamos para tornar estranho tudo o que é cotidiano, conversamos para ao mesmo tempo, tornar comum tudo aquilo que consideramos estranho. Uma conversação onde o importante não é só o dito ou o que se faz por dizer, mas, antes, a intencionalidade de dizer. Não o poder da palavra senão sua impotência. A conversa que não é repasse último de informação - chamado por nós de diálogo, que não anseia informar-se de algo que o outro sabe ou para fazer algo a outro, senão para ouvir o que o outro diz, escutar-lhe mais a música do que a letra, como os segredos que são transmitidos em silêncio. Compreender também além do dito: o que cala no que diz, sendo cada palavra dita insuficiente no que quer dizer, decorrendo exatamente daí a sua força. Porque sim, conversamos também para não esquecer o assombro que deriva-se do que é comum, menor, cotidiano. Conversamos como um elogio ao mínimo: a vida e os encontros que dela transcorrem, efetivamente também acontecem nos pequenos atos que, frequentemente, nos passam despercebidos, na

fusão dos olhares que nos desorientam e nos desencontram da fluência que julgamos deter na ponta rugosa da língua.

Conversamos para questionar o pensamento: como propagar a voz da infância acerca de uma pandemia que interrompeu o tempo histórico, abrindo fendas em uma suposta sensação de equilíbrio que até pouco tempo atrás a maioria de nós compartilhávamos - que as vidas importavam, a humanidade, sua proteção e dignidade? O que buscamos dar a ler nestas páginas se trata de uma tentativa, por acreditarmos ser necessário converter em escritas que conversem as narrativas daqueles que viveram dentro deste acontecimento. Sabemos que os regimes complexos de poder costumam governar o que assumimos e consumimos por verdades contemporaneamente, costumam trazer ao tom da linguagem os proprietários dos nexos entre os fatos históricos. Longe de nós ocuparmos estas linhas apontando quem cria ou recria discursos – ainda que estes se sustentem através de evidências fictícias numa clara lógica de ocultação dos acontecimentos – sobre o que têm acontecido com o Brasil e com o mundo, com a nossa cidade, com os hospitais, com as escolas e com as pessoas. Escrevemos e conversamos para também dizer que as questões trazidas pela Ágata no início deste, fundem-se às nossas. Conversamos escrevendo para argumentar como argumentou Sócrates à Fedro. Não apenas através das falas de quem sempre deteve o poder de proferi-las – adultos, governos – mas antes por vias de uma fala menor, infantil. Essa fala sincrética às impressões, receios, incertezas. Essa voz outra que nos faz perceber às voltas, deixando-nos bestialmente invadidos por uma certa sensação de verdade que se permite assumir-se confusa frente aos fatos divulgados, sabiamente inconformada. Um timbre que chama por nossa audição e por nosso olhar.

Olhar uma criança e ser olhado por ela. Neste espaço-tempo luminoso de desconstrução, neste “etecetera” que compõe o pensamento que provém do impossível como também e simultaneamente se faz um pensamento que pensa o impossível, a infância nos indaga e nos interpela. Comumente nestes instantes, em comboios junto aos dicionários, fogem-nos as palavras.

E então, o que fazer? Decerto esta é uma boa pergunta para concluirmos, pretende sê-la.

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e Outros Poemas**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2014

BLANCHOT, Maurice. **O Livro POR VIR**. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001.

LARROSA, Jorge. **Dar a palavra. Notas para uma dialógica de transmissão**. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

PROUST, Marcel. **Contre Sainte-Beuve**. Paris, Gallimard, 1971.

QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

RANCIÉRE, Jacques. **Políticas da Escrita**. São Paulo: Editora 34, 2017.

SKLIAR, Carlos. **A Escuta das Diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.

SKLIAR, Carlos. **Lo Dicho, Lo Escrito, Lo Ignorado: ensayos mínimos entre educación, filosofía y literatura**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2011.

TIBURI, Marcia. **Filosofia em Comum: para ler-junto**. Rio de Janeiro: Record, 2016.